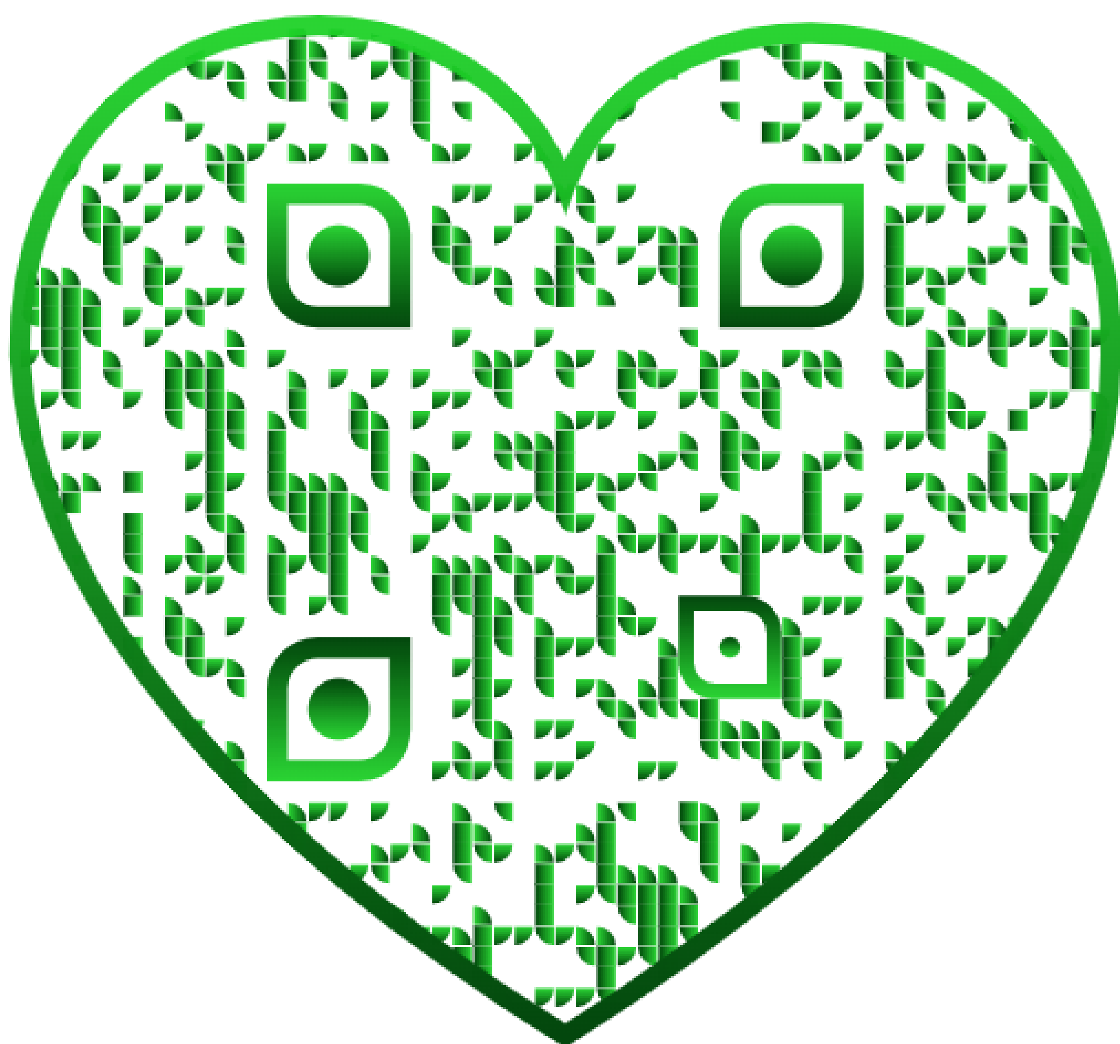
Sob o Céu de Paris

ARLETTE GENEVE



Sob o céu de Paris

ARLETTE GENEVE

Sinopse

Pode resultar precipitado apaixonar-se em um dia e jurar-se amor? Em tempos de guerra, acontece às vezes, porque o ser humano sempre procura uma saída para os sofrimentos de uma guerra. Não sabe se voltará a ver essa pessoa que lhe atrai, a luta não terminou totalmente e ambos podem perder a vida.

Sob o Céu de Paris, é uma história de amor ambientada na formosa França de 1944, às portas do fim da Segunda guerra mundial. O relato nos mostra que em tempos de horror também se pode encontrar a sua alma gêmea, mas sem muita demora... porque a vida são dois dias.

Índice

ESSÊNCIA DE AMOR
CIDADE DE de Paris, AGOSTO DE 1944
CIDADE De Berlim, MAIO DE 1945
Paris, JUNHO DE 1945

Essência de Amor

O amor é a sublime essência que faz recitar o poeta, relatar o historiador, balança-nos com sua presença.
Nele vivem os apaixonados alimentando-se da canção, e que faz brotar na nossa alma suspiros melados do coração.
Respira com seu aroma o faminto.
Bebe de sua doçura o cansado.
A ele recorrem os que estão sedentos, e aqueles que se sentem desventurados.
O amor é a gota no cálice que estende seu convite ao amado, enchendo de sortes e sensações a seres que o tinham esquecido.

Anônimo

CIDADE DE Paris, AGOSTO DE 1944

Arianne elevou o rosto para olhar o céu que nessa cálida manhã de verão estava completamente limpo. Nos últimos dias aviões americanos e ingleses tinham sulcado os céus da França de forma contínua, e sem trégua. Milhares de soldados que se lançavam do interior das bestas de metal, tinham enchido o céu azul de pontos negros, para converter-se pouco depois de abrir os paraquedas, em flores de algodão branco. Oscilaram suspensos no ar durante vários minutos antes de tomar terra firme, e levar a esperança de liberdade à população oprimida.

A cidade de Paris tinha sido liberada do jugo nazista, e a Alemanha que sofria derrota atrás de derrota, retrocedia para a Bélgica. A guerra chegava a seu fim, e os franceses podiam respirar com um profundo alívio.

Arienne cravou suas pupilas nos Campos Elíseos lotados de gente, de patriotas desejosos de dar as boas-vindas aos aliados. Ao longe se podia escutar as notas de *La Marsellesa* que estava sendo tocada com um sentido de orgulho e patriotismo sem comparação, e o alvoroçado repique dos sinos de Notre Damme, davam o ponto festivo à celebração que se estenderia durante dias.

Uma multidão aplaudia com ardor ao passo dos soldados que nesse momento faziam sua entrada triunfal na cidade, com um sorriso nos lábios, e surpresa nos olhos. Blindados da 2ª Couraçada rendiam honras, e os oficiais olhavam, com um brilho de satisfação em suas pupilas, o desfile de seus companheiros. Muitos dos espectadores se negavam a manter-se passivos, e brandiam lenços brancos em sinal de boas-vindas. Algumas moças ousadas e risonhas, lançavam beijos aos sorridentes soldados que passavam ao seu lado, estes, devolviam-lhes o gesto lhes lançando barras de chocolate.

Arianne queria desfrutar do júbilo, mas não tinha conseguido uma posição vantajosa para isso apesar de que o tinha tentado. Embora ficasse nas pontas dos pés, não conseguia ver além das costas dos parisianos, e dos oficiais que faziam uma fila de honra com seus jipes e blindados, para proteger o desfile da gente agrupada na grande avenida. Resignada, soltou um suspiro e começou

a dar a volta sem precaver-se que a multidão a cercava impaciente por aproximar-se o máximo que permitia o estreito corredor.

Robert St'James tinha os olhos cravados na moça que tinha diante dele, tinha deixado um momento seu assento no jipe para procurar uma garrafa de água, agora que retornava de novo a seu lugar com uma bem gelada, topava-se com a mulher mais extraordinária que já tinha contemplado. Tinha-o deixado nocauteado. Travado em um suspiro que o desfocou. A moça tinha o cabelo castanho, e brilhava sob os raios do sol até o ponto de cegá-lo. O perfume da acetinada pele, enchia-lhe as fossas nasais lhe produzindo um prazer que acreditava esquecido.

Cheirava a lavanda.

A guerra era tão cruel com as lembranças que as extinguia. Levava muito tempo fora de casa. Tinha saudades de sua mãe, de suas irmãs, e tudo de bom que tinha aprendido a valorar durante esses meses nos quais tinha estado privado do mais elementar: a família.

O vestido de fino algodão, e estampado com vivas flores em vermelho e branco, ajustava-se de forma perfeita ao bem formado corpo feminino, e caía com soltura até os joelhos. O ar movia a malha de forma brincalhona e lhe formava redemoinhos em torno das coxas delineando-os com prazer. Por alguma inexplicável razão, não podia afastar os olhos dela, nem compreendia a vontade que sentia de passar os dedos pelas bochechas viçosas. Pela pele sedosa do pescoço que lhe parecia tão incitante e subjugador.

Tinha-a visto fazer um oco entre a multidão para ver o desfile, mas sua pequena estatura lhe impedia de ver além dos ombros dos ansiosos espectadores. Ela se movia para a esquerda e para a direita procurando uma posição melhor, e quando se precaveu de que não ia consegui-lo, desistiu de seu intento. Ao tentar dar a volta, as três filas de pessoas que gritavam e agitavam seus braços, lhe impediram de mover-se do lugar. Robert contemplou o desânimo dela ao não poder dar um passo para diante, ou para trás. Estava travada entre a multidão que mostrava sua alegria gritando ao passo dos soldados e ao contemplar os formosos olhos que se cobriam de medo, decidiu ir em sua ajuda.

Arianne sentia que se afogava.

Estava apanhada entre uma multidão de pessoas que gritavam exaltadas, e que agitavam seus braços sem precaver-se das cotoveladas que davam ao resto de transeuntes parados. Tratou de mover-se para abandonar a fila, mas

seu intento resultou inútil. Tinha sido tanta sua ânsia por contemplar a chegada dos vencedores, que tinha se esquecido por completo que toda a cidade desejaria o mesmo que ela: oferecer as boas-vindas.

-Por favor! - Rogou com um fio de voz.

Mas era impossível fazer-se ouvir entre a multidão que gritava enaltecida e cheia de entusiasmo. A população civil se equilibrava sobre os soldados com vivas, aplausos, e aclamações. Recebiam-nos com beijos e com flores. As garrafas do melhor vinho francês se esvaziavam sobre as cabeças deles a maneira do batismo pagão.

Arianne fechou os olhos porque começou a sentir um leve enjoo. Mal via além dos ombros ou peito dos homens que oprimiam seu corpo e o empurravam para diante, acreditou por um instante que ia terminar no chão e que seria esmagada por dezenas de pés.

O pânico começou a apropriar-se dela.

Girou-se com inusitada brutalidade, e então, seu corpo tropeçou com um peito amplo e robusto que a desestabilizou por completo. Tropeçou de forma precária para trás, mas uns fortes braços a seguraram e impediram que caísse sob os pés das pessoas que animavam com força. Arianne não se precaveu que a pessoa que a sustentava era um militar, mas lhe agradeceu imensamente o apoio. Elevou os olhos e os fixou no queixo quadrado, firme. Seguiu subindo até chegar a uns olhos que lhe sustentavam o olhar com verdadeiro interesse, e já não pôde afastar o olhar azul do castanho. Ele tinha uma tonalidade suave, como a cor do mel temperado. Sentiu um calafrio na nuca, e uma chicotada de interesse nas vísceras, que a surpreendeu.

Era o homem mais arrumado e atraente que já tinha visto.

-*Can I help you*? -A voz, cálida e profunda, produziu-lhe um sobressalto no peito que a deixou vacilante, e sem capacidade de reação.

Os fortes braços seguiam segurando-a pelos ombros e impediam que as pessoas que aclamavam a empurrassem em uma direção ou em outra, mas ela não era consciente disso, seguia com as pupilas fixas no atraente rosto masculino. Em sua altura e forte constituição.

Devia ter por volta de um metro e noventa, e o espesso cabelo lhe encrespava à altura da nuca. Sentiu o impulso de enterrar os dedos para comprovar a textura. Percebeu que era americano, a bandeira bordada em seu ombro o indicava. As treze barras horizontais, sete delas vermelhas e seis brancas, e um retângulo azul no canto com cinquenta estrelas brancas, resultava inconfundível, e ela conhecia a história porque a tinha estudado na

universidade. As barras representam às treze colônias originais que conquistaram sua independência da Grã-Bretanha, e as estrelas representava aos estados que formavam a União... Arianne piscou. Ele vestia camisa e calça cáqui, mas não usava a jaqueta do uniforme. Essa tarde em Paris fazia muito calor. Levava o loiro cabelo elegantemente penteado para trás, e livre da boina regulamentar.

Pareceu-lhe um homem tremendamente varonil. Sedutor!

Um suspiro profundo saiu do interior de sua garganta sem que pudesse evitá-lo, e ao precaver-se, avermelhou até a raiz do cabelo.

-*Monsieur*...? -formulou a inacabada pergunta em francês, e com um timbre de alarme em sua voz aveludada, mas o homem não lhe respondeu imediatamente.

Seguia com as pupilas brilhantes cravadas nela, e sem soltá-la.

-Necessita minha ajuda? -Robert tinha pronunciado as palavras em um correto francês embora com marcado acento. Os olhos de Arianne se entrecerraram atônitos-. Se me permitir, ajudarei-a a sair da prisão onde se encontra.

Ela assentiu de forma muito leve com a cabeça, porque se não saísse logo dali, ia terminar desmaiando pela falta de ar.

Robert a segurou pela cintura para protegê-la no avanço. E ela percebia de forma clara a calidez da mão masculina na cintura. O coração começou a bater forte, e não soube como controlá-lo. A altura do oficial assim como sua forte constituição, resultaram um aliado para sair do atoleiro. E resultou tão fácil, que Arianne mordeu o lábio inferior envergonhada, embora tremendamente agradecida. Não obstante, não caminhavam para a calçada a não ser para o próprio desfile.

A multidão ia ficando atrás deles.

-Senhor... -começou ela, mas ele a interrompeu.

-Levarei—a a um lugar onde desfrutará do desfile sem dificuldade. Poderá vê-lo na primeira fila. -Robert foi guiando-a pela ampla avenida pavimentada, onde a multidão gritava eufórica, e os soldados ofereciam a Robert a saudação regulamentar como oficial superior.

Arianne soube que o homem que a ajudava era um oficial de terra porque o resto dos militares se quadravam a seu passo à medida que o desfile avançava, embora não era capaz de adivinhar a fila ou graduação que ostentava, tampouco tinha forma de saber que seu salvador pertencia a 28ª Divisão de Infantaria.

Ele a conduzia sem uma réplica até um ponto privilegiado: seu próprio jipe situado na primeira linha.

-Aqui poderá desfrutar do desfile até que termine -o soldado sentado ao volante saiu do veículo. Ficou de pé de forma imediata, e ofereceu a Robert a saudação obrigatória como oficial superior na hierarquia militar-. Meu nome é Robert St'James, e meu ajudante é o sargento Andrew Fox. -Os olhos de Arianne se dirigiram para o sargento que a olhava sem surpresa em seu rosto moreno, mas com um brilho de reconhecimento na íris cor café.

-Arianne Amey -respondeu-lhe ela com um sorriso trêmulo.

Um segundo depois, o oficial lhe abriu a porta do copiloto do veículo e a convidou a tomar assento. Ela o fez com gesto tímido. Robert se situou a seu lado de pé, apoiou o quadril esquerda na porta fechada, e com os braços cruzados ao peito se dispôs a ver o desfile.

Arianne estava terrivelmente nervosa.

Embora se sentisse protegida no interior do veículo com ambos os homens custodiando-a. Essa sensação protetora tinha sido relegada ao passado porque os anos de guerra lhe tinham feito esquecer tantas coisas formosas que apenas as recordava: como o calor do fogo em um dia invernal. O aroma do frango assado com especiarias que tanto gostava ao retornar para casa aos domingos depois de assistir a missa, e inclusive banhar-se na margem do rio quando o calor apertava nos dias estivais. O sorriso de seu pai quando lhe permitia conduzir o trator pelos campos semeados...

Tinha saudades de tantas coisas perdidas!

As risadas de uns meninos que cruzaram por diante do veículo a trouxeram de volta ao presente, e a continuar observando o desfile que chegava a seu auge.

A visão de quão militares desfilavam resultava espetacular, também alentador. Arianne recebeu os olhares dos soldados e os sorrisos que lhe dedicavam, antes de que estes oferecessem a saudação oficial ao homem que estava de pé ao lado dela. E sua mente se aliou com essa circunstância para seguir pensando nele e na casualidade da vida que tinha propiciado que o conhecesse.

De vez em quando o olhava de esguelha, mas ele não perdia detalhe dos homens que o saudavam. Notava-o tranquilo e descontraído a sua direita, sem variar a postura firme de suas pernas.

Quando o desfile terminou, o sorriso de Arianne não se apagou de seus lábios porque tudo podia ser maravilhoso a partir desse momento. A França se

recuperaria das feridas que lhe tinha infringido a guerra. A liberdade do ser humano, jamais ia ser de novo questionada por tiranos. Por fim haveria pão nas casas. Calor nos lares, e os filhos, esses seres que combatiam no fronte para defender a liberdade, retornariam junto a suas famílias, mães que os tinham chorado cada dia de ausência.

Arianne pensou que o desfile que acabava de observar era símbolo da paz que poderiam desfrutar a partir desse momento. Quando percebeu o ligeiro movimento do oficial, seu rosto girou para ele para lhe dar um sorriso genuíno.

-Será uma honra acompanhá-la até sua casa -a voz de Robert lhe produziu um sobressalto a seus sentidos que se mantinham alerta.

Voltou a fixar o olhar nas moças sorridentes que abraçavam aos soldados com gritinhos de prazer, estes, recebiam as amostras de afeto com empatia, e lhes retornavam os abraços, uns com inusitado sobressalto, outros com sobrada alegria.

Uns segundos depois voltou o rosto para Robert.

-Lhe agradeço de coração, mas não será necessário -respondeu-lhe com uma leve vacilação na voz-. Eu não gostaria de afastá-lo de suas obrigações. Seria imperdoável por minha parte.

Robert cravou seu olhar escuro em Arianne ante sua resposta inesperada.

Estava-se mostrando esquiva, mas não pensava dar-se por vencido. Desde que a tinha descoberto entre a multidão, o coração lhe palpitava dentro do peito com uma energia desconhecida, sinal inequívoco de que algo estava a ponto de mudar em sua existência, e ele não era partidário de dar as costas às oportunidades.

Essa moça lhe inspirava um desejo entristecedor de amparo que o deixava atônito.

-Não me prive do prazer de concluir meu trabalho deixando-a a salvo em sua casa, com sua família.

Arianne soube que não tinha nada que temer dele. Eram os libertadores, e ela se sentia enormemente agradecida pela paz e esperança que haviam trazido para a França, a Europa, a seu coração.

Inspirou profundamente antes de lhe responder: -Vivo um pouco afastada da cidade, na granja *Bresse*. Está a pouco menos de quatro quilômetros daqui -a surpresa nos olhos de Robert foi clara. Traduziu mentalmente os quilômetros em milhas, e a olhou assombrado.

Era uma distância bastante considerável.

-Percorreu-a a pé? -Perguntou-lhe atônito. Lhe fez um gesto afirmativo com a cabeça embora um pouco sobressaltada. A guerra tinha privado às pessoas das coisas mais elementares como gasolina, francos, e a mais importante de todas: dignidade-. Uma caminhada bastante longa para ver um desfile militar -disse-lhe ele.

Ela o retificou imediatamente com um meio sorriso.

-Equivoca-se, senhor St'James, não caminhei quatro quilômetros para ver um desfile militar -Robert a observou com atenção-: queria ser testemunha da entrada dos salvadores. Dos libertadores da França. Uma diferença importante que não deveria surpreendê-lo nunca, e menos ainda usando um uniforme tão eloquente. -Robert olhou completamente intrigado à moça francesa que lhe mostrava uma provocação em seus formosos olhos azuis.

Acreditava que seu comentário a tinha incomodado, mas ele o havia dito como um elogio e não como uma recriminação. Tratou de apagar a impressão equivocada que a moça forjou sobre ele.

-Ofereço-lhe minhas mais sinceras desculpas, senhora... -Arianne o interrompeu sem deixar de lhe sorrir.

-Senhorita -retificou-o, e os lábios de Robert se ampliaram em um sorriso que a desarmou.

Por um instante, Robert tinha temido o pior, que o coração dela já tivesse dono, e saber que seguia sendo livre em afeto, insuflou-lhe fôlego de esperança nos pulmões.

Arianne se disse, pela enésima vez, que o oficial era muito atraente para a tranquilidade de seu espírito. Possuía um magnetismo muito forte. Mal podia separar os olhos dele. Não podia precisar sua idade, embora as rugas ao redor dos olhos castanhos, eram uma clara amostra das penalidades que devia ter sofrido na guerra. Na fria frente de batalha.

Sentiu-se afligida pelo sentimento de empatia que nascia dentro de seu coração, e que não podia evitar que germinasse com uma força demolidora. Tampouco queria evitá-lo.

-Estarei encantada de aceitar sua companhia até o *Bresse*.

Arianne queria desfrutar de uns momentos mais em sua companhia. Gozar da cercania varonil que a inundava em uma maré de sensações maravilhosas. Viver a sensação de normalidade que conseguia lhe transmitir sua só presença, era algo completamente novo para ela, mas muito satisfatório.

Temeu respirar para que ele não se precavesse do caos emocional que a embargava em sua presença.

Robert distribuiu várias ordens a alguns soldados que riam e brincavam entre eles, mas sem afastar as mãos das cinturas de algumas moças parisianas. Elas pelo contrário, tinham-lhes tirado as boinas e as luziam com orgulho sobre suas cabeças. O soldado que estava sentado ao volante, cedeu-lhe seu assento e se situou atrás, mas Robert lhe fez um gesto negativo com a cabeça.

-Não será necessário que nos acompanhe, sargento Fox. Eu mesmo conduzirei o veículo.

O sargento não discutiu a ordem recebida. Desceu do jipe em silencio ao mesmo tempo que oferecia a Robert uma saudação marcial.

Arianne seguia sentada no assento do copiloto. Robert tirou um mapa de Paris e dos arredores, e o mostrou a ela para que lhe assinalasse o lugar onde vivia. Arianne lhe assinalou o ponto onde estava a granja *Bresse*.

Com um acelerar das rodas empreenderam a marcha.

O desfile tinha concluído e começava a celebração que se estenderia durante vários dias. Os soldados mereciam um bom descanso antes de retornar ao fronte, incluído ele mesmo.

A coalhada erva verde brilhava como se fosse um manto de veludo sobre a campina francesa. A cor era tão intensa que cegava, e Arianne se encontrou piscando para fixar a visão de novo no horizonte. A estrada seguia um muro de pedra que fazia umas estranhas curvas no caminho, para bordear alguns canteiros centenários que não tinham secado a adversidade nem a metralha, e um sorriso foi se formando em seus carnudos lábios. Ia sentada ao lado do homem mais bonito que já tinha conhecido, de fortes mãos e decisão pertinaz. Arianne deixou de olhar a paisagem para fixar seus olhos no homem que mantinha sua atenção na estreita estrada. Conduzia habilmente, e soube que era um homem acostumado a tomar decisões, e a que não lhe questionassem nenhuma.

-Pela bandeira que leva no braço sei que é americano, embora eu gostaria de saber o lugar de onde provém, se não lhe importar, ou sim lhe importa? -perguntou-lhe um pouco envergonhada por seu descaramento, e porque os nervos lhe tinham feito repetir-se nas palavras.

Robert deixou de olhar a estrada para fixar seu olhar durante uns segundos no precioso rosto feminino. Os olhos dela o deixavam completamente fascinado. Estavam coroados por espessas pestanas negras que lhe conferiam um atrativo único, e a íris de seus olhos podia competir com o céu do verão. Era a mulher mais bela de todas, e ele se sentia atraído por ela e pasmado porque algo assim nunca lhe tinha acontecido.

Tinha conhecido a muitas mulheres, mas nenhuma lhe tinha criado um motim emocional somente com sua aparência. Gostava de tudo de uma forma que não conseguia compreender. Sentia-se eufórico, como se tivesse encontrado um tesouro de incalculável valor.

-Não me importa absolutamente -respondeu-lhe-. Sou do estado de Nova Iorque.

Arianne pensou que gostava especialmente da cadencia da voz masculina. Cada vez a seduzia mais, até o ponto de lhe embotar os sentidos.

-Gosta da Europa? -Atinou a lhe perguntar, embora com um timbre de vacilação na voz-. França?

Ansiava que a viagem não terminasse. Que lhe explicasse tudo sobre sua vida e suas inquietações.

-Eu gosto do que descobri hoje -se ela se sentiu aludida, não o demonstrou absolutamente, e Robert pôde apreciar sua grande ingenuidade.

Olhou-a longa e profundamente antes de retornar de novo sua atenção à estreita estrada.

-Imagino que estará desejoso de voltar para seu lar. -A voz de Arianne tinha mostrado um tom de tristeza, e esse detalhe deu asas ao coração de Robert, que tinha decidido, nesse dia maravilhoso, que a queria, a uma completa desconhecida. Quando se estava em guerra, as prioridades na vida mudavam, ele sabia muito bem.

-Sim, desejo retornar junto aos meus, mas não antes de que termine esta barbárie que está nos transformando em bestas sem coração. Desumanos sem consciência, sem piedade. -Arianne desejava lhe perguntar tantas coisas, mas não sabia por onde começar.

-Sargento... -começou ela, entretanto ele a interrompeu com uma voz tão cálida que conseguiu envolvê-la, como se a tivessem metido em um sudário de seda.

-Capitão -corrigiu-a ele.

Um intenso rubor se apoderou da moça ao ser consciente de sua estupidez. E as bochechas se coloriram de uma tonalidade carmesim que resultou a Robert encantadora.

Resistia o impulso de acariciá-la com muita dificuldade!

-Sinto muito, não sou perita em graduações militares -desculpou-se para sumir-se, um segundo depois, em um completo silêncio.

Faltava apenas um quilômetro para chegar à granja, e Arianne temia a despedida. Por alguma razão incompreensível, desejava conhecer de forma

mais íntima ao oficial que lhe fazia sentir uma comichão no estômago cada vez que a olhava. Era a primeira vez em sua vida que seu coração galopava sem freio, incontrolável. Meditou, se acaso, a necessidade de companhia amiga que sentia, podia ser a causa do desconcerto que a embargava. Da repentina necessidade de afeto masculino, e esse anárquico pensamento, dirigiu-a à figura de seu pai e de seu irmão, que tinham perecido no campo de concentração Gurs, acusados de espiões no regime de *Vichi*.

A força masculina era tão necessária na vida de uma mulher.

-Sabe que retornarei para te buscar. -Robert a tuteou pela primeira vez, e as palavras do capitão lhe produziram um desconcerto absoluto.

-Bu...me buscar? Não pode falar a sério! -Balbuciou completamente surpreendida.

Não podia estar insinuando que se sentia interessado nela até o ponto de querer retornar a procurá-la, porque se o fazia, só poderia significar uma coisa: verdadeiro interesse. Não passageiro, ou de passar um bom momento antes de voltar a frente. Os olhos do capitão lhe mostravam que queria com ela algo mais que uma simples aventura.

-Arianne... -ela seguiu olhando-o com a dúvida refletida nas pupilas. Tinha sido tão bonito sonhar durante um instante-. A guerra ensina a não desperdiçar as oportunidades que nos oferece a vida, e esta manhã, sob o céu de Paris, me presenteou: você.

Arianne pensou que se abrisse a boca, o coração lhe sairia por ela. Durante anos tinha tentado sobreviver, uns dias melhor e outros pior, mas até esse momento, não tinha se dado conta do vazia e inerte que estava sua vida. Movia-se por inércia. Com os sentimentos amortalhados de passividade. E nesse momento sentia o coração pulsar em seu interior com força. Insuflando ar a seu peito que se contraía espectador.

Acreditou que não tinha ouvido bem o capitão. Ela era uma moça singela, sem mais atrativo que seu cabelo negro. Um homem da atitude dele não poderia estar interessado em uma mulher como ela.

-Quando te descobri entre a multidão -continuou ele-, senti um desejo enorme de te proteger tão grande como nunca tinha experimentado. -Robert calou um momento e tomou ar antes de continuar-. Vi o horror que traz a luta. O sofrimento humano levado até o extremo, mas quando meus olhos lhe contemplaram, é como se minha alma tivesse te reconhecido. Retornarei para te buscar. Preciso te conhecer melhor!

-Me buscar? Me conhecer? -Voltou a repetir ela cada vez mais emocionada.

Arianne se manteve durante uns instantes em completo silêncio, valorando as palavras dele, mas não pôde lhe oferecer uma resposta porque a granja *Bresse* já se divisava no horizonte. A edificação estava orientada para o sul, e tinha um grande terraço que dava diretamente aos campos semeados de lavandas.

A suave brisa lhes levava o penetrante aroma das flores. Robert inspirou profundamente enquanto fechava os olhos ante o prazer que assaltava seus sentidos.

Quando faltavam apenas trezentos metros para chegar, o oficial parou o jipe de repente a um lado do caminho, e lhe abriu a portinhola do veículo para convidá-la a descer dele. Queria passear com ela. Estender o momento da despedida todo o possível.

Arianne não protestou nem uma vez. Saiu sigilosa do interior do carro e aceitou a mão que o capitão lhe oferecia, ao fazê-lo, sentiu uma descarga de eletricidade que a deixou aturdida porque era a primeira vez que a experimentava.

Cravou o olhar brilhante no rosto masculino.

-O que mais desejo -confessou-lhe ele com um olhar ofegante -. É te tocar, e o mundo parar para mim.

Arianne piscou confundida.

Ela não podia negar a atração que sentia pelo capitão, mas as dúvidas a balançavam, e a prudência lhe fazia ser desconfiada porque o oficial americano era muito interessante. Puxa. Seria maravilhoso conhece-lo melhor. Seus gostos, suas paixões. O que lhe preocupava pelas noites e o fazia rir pelas manhãs. Arianne não queria perder a oportunidade que o destino lhe oferecia nesse dia do verão de 1944 de conhecer o homem de sua vida.

Mas não se atrevia a considerá-lo!

-Já conhece meu nome -disse-lhe ele de repente-. Robert St'James. Tenho trinta e cinco anos. Sou filho de um jornalista e de uma professora. Tenho duas irmãs que me fazem a vida impossível quando estou com elas, mas às que estou desejando abraçar de novo. --Ela seguia cada explicação dele com supremo interesse-. Vivo em um apartamento no centro de Manhattan, e estava acostumado a trabalhar como engenheiro em uma empresa que construía presas e pontes antes do início da guerra -calou um momento para tomar ar-. E essa é toda minha vida. Muito pouco interessante como notará.

Arianne suspirou de forma profunda. Anárquica ao mesmo tempo. Nesse breve resumo lhe tinha revelado parte do que queria conhecer, e de repente,

sentiu-se feliz e confiante. Podia o destino mostrar-se benevolente com ela? Tinha ansiado tanto a felicidade, que agora que a tinha tão perto, sentia-se assustada. Mas não ia retroceder, porque os olhos masculinos lhe mostravam sinceridade. Um interesse autêntico por conhecê-la e valorá-la.

-Meu nome é Arianne Amey. Vivo na granja *Bresse* com minha mãe viúva, e com um montão de animais -Arianne tomou ar antes de continuar-. Meu pai Pierre, e meu irmão Louis, foram assassinados no campo de concentração *Gurs* faz dois anos. Após, minha mãe e eu colaboramos com a resistência na medida de nossas possibilidades.

-Por que foram assassinados? -Perguntou Robert extremamente interessado.

Ela recordou a angústia e a dor que tinha sofrido depois da detenção de seu pai e irmão. Sua mãe, não tinha se recuperado ainda.

-Escondíamos pilotos aliados derrubados, meu pai e meu irmão os ajudavam a cruzar de novo a fronteira. Meu pai era granjeiro, mas meu irmão tinha terminado a carreira de medicina, e auxiliava aos feridos de guerra que vinham procurando ajuda. Nossa casa se converteu em um refúgio para eles.

Nessa breve explicação, Robert soube tudo o que tinha sofrido a moça na guerra, e o desejo de protegê-la-se voltou ainda mais urgente. Graças à ajuda desinteressada dos maquis, muitos pilotos tinham salvado a vida e retornado com sua unidade, para depois retornar à frente muito mais motivados e dispostos a tudo.

-Sinto-me um homem afortunado porque minha família não sofreu os horrores da guerra -disse-lhe ele com o olhar cheio de saudade.

Arianne meditou nas palavras do oficial. Muitas mães americanas também sofriam ao contemplar como seus filhos partiam para lutar em uma guerra que não tinham iniciado, e choravam a ausência prolongada de seus filhos, e inclusive uma ausência que se tornava eterna, porque muitos daqueles valentes soldados americanos, não retornariam jamais a seus lares. Seu sangue alimentaria para sempre a terra europeia.

A tristeza a balançou até o ponto de ter que afogar um soluço. Tinha visto tanto horror a seu redor, que ainda não se explicava como mantinha a prudência e a moderação.

-Sua mãe deve estar como louca esperando sua volta -atreveu-se a dizer com voz entrecortada.

Robert entrecerrou os olhos porque o sentimento dela era autêntico.

-Foi o mais duro que fiz em minha vida: deixá-la esperando minha volta.

Arianne pensou em sua mãe viúva que, apesar das dificuldades, não tinha

retrocedido em seu empenho de ajudar aos patriotas franceses em sua luta contra a tirania alemã. A granja *Bresse* tinha acolhido durante muitos meses a soldados britânicos que tinham caído derrubados na batalha da Normandia, denominada em chave Operação Overlord. Graças à invasão da Europa, levada a cabo pelos Aliados no noroeste da França, ocupada pela Alemanha nazista, o desembarque, denominado em chave Operação Netuno como parte da Operação Overlord, foi executado com êxito pelas forças aliadas apesar das enormes baixas que tinham sofrido. O esforço conjunto se concentrou em desembarcar nas costas francesas um exército que, depois de liberar a França, chegaria até o coração do Terceiro Reich para aniquilá-lo. Graças ao esforço altruísta de milhares de soldados americanos, canadenses e ingleses, o destino da Europa se inclinou a favor dos que lutavam pela paz e a liberdade.

A França era livre, e logo o seria o resto da Europa.

-Obrigado! -Disse-lhe de repente ela.

Robert a olhou confuso pelo agradecimento inesperado.

-Por que? -Perguntou-lhe em voz baixa.

-Por nos libertar. -Exclamou cheia de júbilo-. Por nos devolver nossa liberdade, e a esperança para o futuro.

Robert inspirou profundamente comovido.

-A guerra não terminou -informou-lhe com voz séria-. Ainda ficam muitas batalhas que ganhar. Território inimigo que conquistar.

Lhe fez um gesto afirmativo mas sem deixar de sorrir.

-Sei -respondeu trêmula-. Mas a vitória está cada vez mais próxima, e por esse motivo, desejo te mostrar meu agradecimento –o tratava com familiaridade pela primeira vez.

Robert roçou com a gema dos dedos de sua mão a bochecha macia e suave. Colocou-lhe uma mecha de cabelo atrás da orelha ausente de pendentes, e soltou um suspiro contido. Embargava-o a emoção.

-Peço-te formalmente a permissão para te escrever até que retorne de novo a Paris -a voz masculina tinha soado tão solene que Arianne sentiu uma sacudida de temor.

Existia a possibilidade de que não retornasse se caía em batalha. Pensá-lo sequer lhe produziu um desgosto e uma angústia que lhe resultavam muito conhecidas.

-Me prometa que retornará -pediu-lhe contra toda lógica.

Robert agarrou os dedos femininos, e os beijou com reverência.

-Se não cair morto em batalha, juro, que retornarei!

Ela sentiu o louco impulso de abraçá-lo no mesmo instante que lhe ofereceu a promessa.

-Tem minha permissão para me escrever -disse-lhe concisa.

Robert estava a um passo de tomá-la entre seus braços e encerrá-la neles. Era tão miúda, que o sentimento de amparo se intensificava de uma forma que não tinha lógica nem razão.

-Desejo te beijar, mas não me atrevo -anunciou-lhe ele.

Ela o olhou com olhos entusiasmados, cheios de sinceridade.

-Eu também desejo te beijar, e me sinto profundamente envergonhada por isso porque acabamos de nos conhecer -respondeu-lhe em um sussurro apenas audível.

-É certo, -reconheceu ele-, mas eu sinto como se te conhecesse de toda a vida.

Robert inclinou o rosto de encontro ao feminino, e ambas as bocas se fundiram em um beijo apaixonado. Ausente de lascívia embora não de desejo. Os braços dele cobraram vida própria e a abraçaram atraindo-a para o corpo robusto que a aprisionou com força. Apenas lhe permitia respirar, mas não era consciente disso.

Os lábios femininos eram tão suaves como as pétalas de uma flor. O sabor doce, como o Maná prometido. E o aroma fresco dela se mesclava com o aroma das lavandas ao vento, e acariciadas pelo quente sol do verão, para lhe produzir um caos monumental.

Seguiu beijando-a sob o amparo de uma árvore velha e de casca cinza, ambos protegidos por seus ramos torcidos e cheias de folhas verdes, sem ser conscientes de nada mais que deles mesmos, e a urgente necessidade que sentiam um do outro. Com o som dos rouxinóis trilando sobre suas cabeças, Robert intensificou o beijo.

Arianne sentiu a língua aveludada dele acariciar cada curva de sua boca. Suas dobras rugosas, o interior de suas bochechas. Abandonou-se à loucura que a possuía e se deixou arrastar para o precipício sem que lhe importasse cair com ele ao vazio. Acabava de conhecer o homem mais extraordinário de todos: ao homem de sua vida.

Sentiu que caía devagar para trás, e ficou recostada conta a árvore antiga. O tom azulado das plantas, mesclava-se à perfeição com eles, e cobria os corpos a olhos estranhos. Tudo a seu redor eram flores, erva verde, e esperança.

A mão de Robert a segurou pelo pescoço, enquanto que a outra agarrava fortemente sua cintura, como se quisesse mantê-la apanhada entre seus braços,

sem soltá-la. Nesse momento único e cheio de emotividade, Arianne soube o que era ser desejada por um homem, e se entregou à tarefa de fazer saber. Enredou seus dedos longos no espesso cabelo masculino, e o atraiu ainda mais para seus lábios. Percebeu que seus seios se esmagavam contra o robusto peito dele, e notou os batimentos acelerados do coração que pulsavam em sua garganta e têmporas.

-Temos que parar -disse de repente ele.

Arianne não podia pensar, tinha os cinco sentidos desbocados. Respirava com grande dificuldade, e se negava a abrir os olhos para não romper o feitiço que os envolvia. Ansiava mais, muito mais do que Robert lhe tinha mostrado simplesmente com um beijo.

-Não vou te possuir aqui na terra dura -confessou com a voz cheia de emoção-. Embora seja o que mais desejo no mundo.

Lhe sorriu cúmplice.

-Desejo que faça amor comigo.

Depois das palavras de Arianne, a mente de Robert paralisou. Tinha muito presente que seria muito fácil seduzi-la. Estava indefesa, a sua mercê, mas ele queria muito mais que uma simples queda com ela. Pretendia aspirar o amor de Arianne, e não se conformava com algumas carícias. Era tudo ou nada.

-Não o deseja tanto como eu, mas sou um homem de honra, e devo te mostrar respeito até que obtenha o consentimento de sua mãe, e caminhe junto comigo até o altar.

Arianne pensou que parecia um sonho.

-Posso te perder amanhã. -Confessou-lhe seu temor mais escondido. A terrível agonia que sentia cada vez que pensava na morte implacável. Que ele morresse no campo de batalha longe de seu lar, longe dela, a fazia sofrer muitíssimo, e apenas o conhecia de umas horas. Mas sentia que não era assim. A seu lado parecia que levavam juntos uma eternidade-. E se acontecer, não poderia me perdoar não me entregar a ti como é meu desejo neste dia.

Robert a abraçou muito mais forte.

-Farei-te amor, mas não será no meio do campo e rodeados de insetos.

Arianne riu ao escutá-lo. Estavam rodeados de beleza. Fazia um dia precioso, e ela tinha encontrado o amor de sua vida em meio de uma multidão eufórica. Podia existir um marco mais perfeito para entregar-se ao homem escolhido?

-Acompanharei-te a casa, e poderá me apresentar a sua mãe.

De repente, a íris azul de Arianne se embaçou. Poderia sua mãe rechaçá-lo

porque era americano? Robert vivia muito longe, tinha costumes distintos. Ideologias diferentes. E então, a dúvida a sacudiu.

-É cristão? -Perguntou-lhe mortificada.

Sua mãe era uma mulher muito religiosa. Crente até o ponto de não deixar-se abalar pela dor apesar de ter perdido um filho e um marido na guerra.

Robert lhe fez um gesto afirmativo com a cabeça enquanto a olhava com um brilho estranho no olhar.

-Meu avô materno era irlandês -disse-lhe com uma careta torcida, que mais parecia um gesto cômico que um sorriso-, e professo suas mesmas crenças.

Arianne suspirou com um profundo alívio que não se incomodou em ocultar.

-Vamos? -Robert tinha se erguido de sua posição, e lhe estendia a mão com semblante sereno.

Arianne passou a palma das mãos pelo tecido de seu vestido para afastar alguns ramos esmagados. Colocou-se algumas mechas de cabelo atrás das orelhas, e aceitou a mão que lhe estendia.

O caminho para a granja o fizeram em silêncio, mas Robert não rompia o contato que mantinha com ela. Tinha-lhe jogado o braço sobre os ombros, e seguia o ritmo feminino de forma pausada. Desfrutando de cada momento, cada retalho da natureza que bebiam suas pupilas. Na verdade a granja *Bresse* estava em uma zona formosa. Em qualquer parte havia campos semeados. Espessos arvoredos, e caminhos serpenteantes que comunicavam as diferentes construções de madeira.

-Vive em um lugar muito belo -disse de repente ele.

Arianne o olhou com intensidade.

-Seu lar não o é? – A pergunta feminina tinha mostrado um timbre de curiosidade-. Nova Iorque não é um lugar bonito? -insistiu.

Robert pensou que Nova Iorque era a cidade mais povoada do Estado de Nova Iorque, e inclusive dos Estados Unidos da América, e a segunda aglomeração urbana do continente.

-Me acredite, é muito grande -respondeu-lhe depois de uns momentos de silêncio-. A cidade se compõe de cinco boroughs...

-Boroughs? -Perguntou extremamente interessada.

-Distritos -esclareceu-lhe-, cada um desses distritos coincide com um condado: Bronx, Brooklyn, Manhattan, Queens e Staten Island.

-Parece muito grande -mas Robert já não pôde lhe oferecer uma resposta porque tinham chegado à granja.

Arianne não chegou a bater na porta. Uma mulher de idade amadurecida

abriu a folha de madeira com rapidez, e começou uma interrogação em francês que ele não pôde entender. Robert ficou convenientemente separado de Arianne, e a dois passos da porta de entrada. Escutou-as com atenção, graças a isso pôde distinguir seu nome e algumas palavras soltas sobre o encontro de ambos no desfile. O acento da mãe era muito pronunciado, por esse motivo lhe custava entendê-la.

Arianne se virou para ele com um amplo sorriso.

-Está convidado a nosso lar. Minha mãe te dá as boas-vindas.

Ela o precedeu pelo vestíbulo até o salão principal. Mostrou-lhe uma poltrona de pele marrom, e lhe pediu com um gesto que tomasse assento. Robert a agradeceu com um certo acanhamento que a surpreendeu. Era um homem seguro de si mesmo, acostumado a tomar decisões difíceis, mas estar na sua casa lhe infundia um certo acanhamento que ela achou adorável.

-Poremos um prato mais a mesa.

-Mas não será necessário -disse-lhe ele um tanto sobressaltado-. Não desejo ser um incômodo -Arianne lhe sorriu de uma forma encantadora sem lhe dizer nada mais a respeito.

Durante a seguinte hora, Robert escutou ruído de baixela, porcelana, e cadeiras que eram corridas enquanto um aroma maravilhoso enchia a casa e lhe mostrava o faminto que se sentia. Mal tinha provado algo da noite anterior, e quando seus olhos descobriram Arianne entre a multidão congregada nos Campos Elíseos, todo o resto passou a um segundo plano. Inclusive seu grande apetite. Decidiu não seguir sentado. Caminhou com passos suaves pela ampla e acolhedora estadia. Observou os diferentes quadros que penduravam das paredes, e as figuras que adornavam alguns dos móveis, mas Arianne chegou rápida para conduzi-lo para a sala de jantar.

A mãe lhe ofereceu o lugar preferencial da mesa, e ele aceitou inclinando levemente a cabeça. Era uma honra que não podia desprezar.

O jantar resultou um pequeno banquete.

No exército americano não se padecia necessidade, mas estava cansado de latas, e fruta em calda de açúcar. De aperitivo lhe serviram um vinho de nome impronunciável, feito a base de ervas. Acompanhado de frios e azeitonas. Ele nunca tinha provado azeitonas, e adorou.

O primeiro prato resultou muito leve, uma espécie de bolo salgado de Bacon e acompanhada de salada. Na mesa havia também uma tábua de queijos variados que desprendiam um aroma particular. O prato principal era de carne assada com especiarias. Robert não pôde repetir porque se sentia

completamente satisfeito. Tampouco comeu a sobremesa, mas aceitou um café bem forte. A mãe de Arianne lhe serviu uma taça de *Armañac* que aceitou agradado. Era um completo desconhecido para elas, mas na granja *Bresse* o tratavam como se fosse mais um da família.

-Estava tudo delicioso -a tratou com atenção.

A mãe aceitou o elogio com um sorriso vacilante.

-Minha mãe é uma excelente cozinheira -apontou a moça-, e desfrutamos de carne e ovos porque criamos os animais. Também semeamos verduras e batatas.

Tinha visto os estragos que fazia a guerra. A miséria em que sumia aos afetados.

-O que nos sobra trocamos com vizinhos por queijos, toucinho, leite e outros produtos como manteiga.

Robert mostrou quão impressionado estava com um sorriso.

A senhora Amey era uma mulher discreta, e em nenhum momento lhe fez sentir incômodo ou desconjurado. Observou os olhos femininos com atenção. As pronunciadas rugas revelavam o enorme sofrimento que tinha padecido. A postura relaxada de seus ombros, falavam mais de derrota que de cansaço, e por alguma estranha razão, Robert pressentiu que a senhora Amey se daria de forma estupenda com sua mãe Anne.

-Reitero-lhe meu agradecimento por este jantar delicioso.

Clare Amey lhe mostrou um sorriso trêmulo.

-Minha filha me relatou a entrada triunfal do exército americano em nossa formosa cidade de Paris com imenso orgulho. Contagiou-me seu entusiasmo.

Robert mexeu com uma pequena colher de aço o café de sua xícara até dissolver por completo o açúcar do fundo.

-Foi realmente maravilhoso o recebimento que tivemos dos parisianos. Dos franceses em geral -respondeu.

Clare piscou várias vezes para controlar a emoção em seus olhos. Tinham sido anos de penúrias. Meses de agonia extrema, mas ao fim a Alemanha ia ter o que merecia, embora com mais piedade do que eles tinham mostrado ao mundo. A Europa estava massacrada. Destruída pelos quatro cantos, e por essa razão, os franceses viam os americanos como mensageiros de Deus que chegavam para pôr ordem em um completo caos.

O rosto de Clare Amey mostrava claramente o que pensava, e Robert foi plenamente consciente disso. Sentiu-se envergonhado porque não acreditava que fossem merecedores de tanta gratidão.

-Minha visita aqui na granja *Bresse* está motivada por uma razão importante, e que desejo lhe expor antes de partir.

Os olhos de Clare se cravaram nele com uma intensidade que o pôs nervoso. Robert nunca tinha pedido permissão para cortejar a uma mulher, mas com Arianne ia fazer uma única exceção: ia ser a mãe de seus filhos.

-Retornará? -Clare tinha pronunciado a única pergunta que na verdade interessava: seu retorno da guerra.

-Penso me manter com vida -respondeu com voz serena e controlada-, e retornarei por Arianne... -calou um momento-. Pelas duas.

Os olhos de Clare brilharam com humor. O oficial se via realmente incômodo, e sua filha encantada, mas ela era muito velha e estava cansada de lutar contra o destino.

Durante o jantar tinha observado com grande interesse cada gesto, cada olhar do homem, e que dirigia exclusivamente a sua filha. Indubitavelmente Arianne lhe tinha roubado algo mais que a tranquilidade de espírito. Tinha-lhe roubado o coração por completo.

-Então, quando retornar -disse-lhe Clare-, falaremos. -Robert lhe fez um gesto negativo. Não admitia uma evasiva tão clara.

-Arianne prometeu me esperar, e por isso desejo formalizar um compromisso que me dará tranquilidade durante minha ausência.

Clare não se intimidou pela insistência do oficial americano.

-Os Estados Unidos está muito longe de *Bresse* -acrescentou concisa.

Robert deixou descansar as costas no respaldo da cadeira. Nessa única frase a senhora Amey tinha resumido todos seus temores, e as vacilações que sentia.

-Minha terra a receberá com os braços abertos -disse-lhe para conformá-la-. Minha família a amará como merece.

Clare meditou nas palavras do oficial. Ela não ia viver muito tempo, e Arianne ficou sem mais família que ela. Ali, sentado à mesa, havia um homem experiente e inteligente que lhe oferecia ocupar-se de sua pequena e de cuidá-la longe da barbárie. Da destruição bélica.

Podia uma mãe pedir mais?

-Retorne, capitão St'James, e falaremos sobre uma relação entre minha pequena e você. -Arianne ia protestar, mas Clare não o permitiu. Com um gesto da mão direita silenciou as palavras de sua filha-. E agora, irei limpar a cozinha, e lhes darei o tempo que necessitam para se despedirem.

Durante vários minutos o salão ficou em silêncio. Somente se ouviam as

respirações de ambos. O pulsar de seus corações, como se batessem palmas de alegria.

-É uma mulher extraordinária -afirmou ele.

Arianne sorriu ao mesmo tempo que fechava os olhos. Sua mãe tinha mostrado sua conformidade. Ela poderia esperar por Robert até que a guerra finalizasse. E o faria cheia de esperança e júbilo.

-Minha mãe é uma mulher sensata e pacífica. A melhor mãe do mundo.

O orgulho nas palavras dela mostravam o enorme amor que sentia Arianne por Clare. Um amor tão grande e sublime como o que sentia ele por sua mãe.

-Veem, me acompanhe, sentaremo-nos no balanço e conversaremos sobre o futuro -Robert a seguiu sem uma réplica.

Saíram à parte posterior da casa, para um jardim formoso e que não se via da fachada. O balanço era bastante grande e cômodo.

-Era o lugar onde meu pai estava acostumado a dormir a sesta no verão.

Para ele sobravam as palavras. Seu pai tinha um muito parecido, mas sempre estava ocupado por suas duas irmãs.

-Sinto-me preocupada -começou ela-, não teria que retornar com sua unidade? Leva virtualmente todo o dia fora.

Robert abraçou os ombros femininos, e ela apoiou a cabeça no ombro dele ao mesmo tempo que soltava um suspiro baixo. Era maravilhoso sentir seu calor corporal, desfrutar de sua força...

-O exército nos deu dois dias de licença antes de nos reincorporar para a seguinte missão.

-Alivia-me saber que não passará os próximos dias detido.

De novo o silêncio se instalou entre ambos. O leve vaivém do balanço os inundou em uma letargia quente e afetuosa. A brisa estival lhes levava o aroma da lavanda, e os pássaros trilavam com força inusitada.

-Ignoro qual será meu destino no fronte - as palavras de Robert soaram sérias - mas confio que virá para ver-me enquanto espero as ordens.

-Tem minha palavra que te verei cada dia até que parta.

Robert suspirou profundamente. Agora que a tinha encontrado, resistia a deixá-la. Partir de novo à frente de batalha, era o que menos desejava, mas tinha que ganhar uma guerra, e sentar as bases para que a barbárie não voltasse a se cometer.

-Tenha cuidado Robert -suplicou ela com um fio de voz-. Não posso te perder agora que te encontrei.

Ele sorriu com candura. Ali, sentado ao lado de Arianne, parecia que a

guerra não tinha lugar nem capacidade. Sentia a paz que transmitia a terra francesa, e ansiou nunca partir dali.

-Quero te pedir uma foto. -Ela o olhou surpreendida-. Cada soldado leva a foto de sua noiva, e eu desejo levar a tua como amuleto. Dará-me sorte na batalha.

O coração feminino se encheu de felicidade.

-Amanhã te levarei a um lugar onde faremos uma juntos.

-Promete-o? -pediu-lhe com voz solene.

-Duvida-o? -respondeu-lhe feliz.

-Sinto que isto é um sonho, e que vou despertar de um momento a outro. Desde que te vi esta manhã, não posso pensar em nada mais que em te beijar.

Arianne sorriu ainda mais. Escutá-lo, era o mais bonito do mundo.

-E a que esperas? -incitou-o provocadora.

-Não posso te beijar estando sua mãe na casa. Não seria correto.

Ela soltou uma gargalhada contagiosa. Começava a adorar essa faceta galante de Robert. Outro qualquer teria se aproveitado de cada momento para lhe dar uma queda, mas não ele. Mostrava-se respeitoso, e honorável, até um ponto incrível.

-Então, beijarei-te eu.

Arianne pousou sua mão na nuca masculina e o atraiu para ela. Quando seus lábios tocaram os dele, sentiu uma pequena descarga no coração. Lhe encolheu o estômago, e lhe suaram as mãos. Os lábios de Robert eram firmes, mas suaves. Famintos, mas quentes. Bebeu deles como uma sedenta, e quando percebeu a resposta enérgica dele, deixou-se abraçar com mais força.

O mundo deixou de existir.

CIDADE De Berlim, MAIO DE 1945

Em 25 de abril de 1945, as tropas soviéticas e americanas tinham entrado em contato direto dividindo à nação Alemã em duas. As primeiras unidades a fazê-lo foram a 69ª Divisão de Infantaria norte-americana, e a 58ª Divisão de Guardas soviética do 5º Exército de Guardas perto de Torgau, sobre o rio Elba, localidade onde soldados de ambas as nacionalidades realizaram uma breve celebração depois de meses de avanços desde pontos opostos. Contra o que se esperava por parte da propaganda nazista lançada durante tanto tempo, o contato entre ambas as tropas não foi hostil, embora tampouco amistoso.

Nas últimas horas da batalha de Berlim, na tarde de 30 de abril de 1945, Adolf Hitler se suicidou no búnker da Chancelaria do Reich em Berlim. O líder alemão soube que a guerra estava perdida, e como não desejava ser capturado pelas tropas soviéticas que avançavam sobre a capital alemã, escolheu o caminho mais fácil: o suicídio.

Concretamente às 02:41 da manhã de 7 de maio de 1945, nos quartéis da SHAEF em Reims, França, o Chefe do Estado Maior do Alto comando das forças armadas alemãs, o general Alfred Jodl, assinou a ata de rendição incondicional para todas as forças alemãs ante os Aliados.

***

Robert St'James massageou a base da nuca. Sentia os ombros tensos e uma dor de cabeça aguda que não diminuía. A guerra tinha acabado por fim, e agora tocava retornar para casa. Seguiu olhando o plano estendido sobre a mesa e fazendo notas na margem. Não ouviu a porta ao abrir-se, por esse motivo se sobressaltou ao escutar a voz de seu superior.

-Pensava que estaria celebrando a vitória com os homens que estão sob seu mando.

Robert elevou o rosto e piscou.

Tinha perdido a vários homens. Moços que já não retornariam a seu lar na América. Suas mães já não poderiam abraçá-los, nem beijá-los. Tinham ganho

a guerra, mas o custo em vidas humanas tinha sido muito elevado.

-Queria terminar um relatório que me pediu o coronel Miller.

O general tomou assento frente a Robert.

-Tem vontade de retornar a Nova Iorque?

Nem duvidou um instante em responder.

-Sim, levo muito tempo fora.

-Todos levamos muito tempo fora.

Robert sorriu ao oficial superior ao mesmo tempo que deixava o lápis sobre a mesa.

-Mas antes de retornar aos Estados Unidos, devo ir a Paris.

O oficial elevou as sobrancelhas com curiosidade.

-Uma garota parisiana? -atreveu-se a perguntar.

Robert fez um gesto afirmativo com a cabeça.

-Ali conheci a moça mais extraordinária de todas. Sofri uma flechada no instante em que a vi.

O general acendeu um cigarro e ofereceu outro a Robert que negou.

-Quando se está tanto tempo no campo de batalha, quando a morte nos rodeia pelos quatro cantos, o amor é como uma tábua de salvação a que agarrar-se.

Robert pensou que o oficial tinha razão. Tinha estado rodeado de morte, de miséria, mas Arianne se mostrou frente a ele como essa tábua de salvação que o general tinha mencionado. Como um farol iluminando em uma noite escura de tormenta.

-Poderia ficar um tempo em Paris antes de retornar a Nova Iorque -disse-lhe o general apurando a última imersão do cigarro.

Robert se sentou na borda da mesa.

-Um tempo em Paris? -Atinou a perguntar.

-Terei que passar um tempo na cidade e necessitarei um ajudante.

As sobrancelhas de Robert se arquearam interrogantes.

-Não sei se estou qualificado.

O general o olhou. Robert St'James era um dos melhores oficiais que tinha tido sob seu mando. Os homens que tinha a seu cargo o respeitavam. Idolatravam-no. Não havia um homem mais leal e firme.

-Não teria te mencionado nada -disse-lhe o general-, mas ao me dizer que tem uma mulher te esperando em Paris, pensei que poderia ser uma boa oportunidade para ti, para ela, para os dois -terminou.

Robert tomou ar e o soltou pouco a pouco. Na verdade a oferta do general

lhe chegava como as águas de maio. Ele tinha a intenção de casar-se com Arianne, mas não queria deixar à mãe dela sozinha na França. E duvidava que a boa mulher quisesse abandonar o lar de seus antepassados para partir com eles a Nova Iorque. Durante várias noites, Robert tinha pensado na melhor forma de atuar. E se lhe parecia muito difícil expor a Arianne a partida de ambos a outro país. O general lhe tinha feito uma oferta que não podia desprezar.

-Qual seria meu trabalho?

O general acendeu outro cigarro. Inalou a fumaça profundamente.

-Tenho que preparar uns julgamentos que temo me levarão bastante tempo.

Robert tinha entendido. Muitos altos comandantes militares alemães se renderam, outros fugiram, mas foram capturados e estavam à espera de julgamento. Um julgamento que determinaria se tinham cometido crimes de guerra, também seu grau de culpabilidade.

-Os julgamentos geralmente levam bastante tempo -admitiu em voz baixa.

-Terei que preparar enorme quantidade de informações, e necessitarei um competente colaborador.

Robert cruzou os braços no peito. Estava ansioso de ver de novo Arianne. De retornar a seu lar na América, e ver sua família, mas poderia esperar um pouco mais porque estaria acompanhado pela mulher de sua vida.

-Quando retornamos a Paris?

Havia impaciência em sua voz ao pronunciar as palavras.

-Em cinco dias -respondeu o coronel.

Robert saboreou os dias que lhe pareceram muito poucos. Depois de meses ansiando vê-la de novo, em pouco menos de uma semana poderia fazê-lo. Tocá-la. Beijá-la. Sentiu-se afortunado.

-Convido-o a uma cerveja -ofereceu-lhe o general.

-Acredito que nossa volta a Paris merece algo mais forte e de mais qualidade.

-Um conhaque? -inquiriu Robert.

-Tinha pensado em uma garrafa de champanha.

Robert sorriu e aceitou com gosto.

Os dois homens partiram do despacho compartilhando brincadeiras.

Paris, JUNHO DE 1945

Arianne correu como nunca em sua vida. Agitava na mão direita uma carta enquanto a alegria se apoderava dela. Percorreu o caminho cheio de flores mas sem deter-se para as contemplar. Estava desejando contar as novas a sua mãe: Robert chegaria muito em breve.

-Mamãe! Mamãe! -Exclamou com júbilo-. Vem a caminho, vem a caminho.

A porta mosqueteira se abriu para ela. Sua mãe sustentava a folha de madeira aberta e Arianne passou ao interior saltando e rindo ao mesmo tempo.

-Vem, mamãe!

-Me alegro muito -respondeu Clare somando-se à alegria da filha.

A moça girou sobre si mesma várias vezes, momentos depois se deixou cair no bonito sofá de flores azuis.

-Passou tanto tempo -lamentou-se.

Desde o último beijo que tinha compartilhado com Robert, os dias se acumularam às semanas e aos meses. Tinha escutado cada notícia sobre o avanço da guerra com o coração encolhido de temor. De desejo e tristeza. Perdiam-se tantas vidas.

-Me alegro de coração que Robert não tenha resultado ferido em batalha.

Arianne tirou a folha do interior do envelope e a estendeu a sua mãe.

-É para ti. -A mulher se surpreendeu-. Enviou duas cartas, uma para mim e outra para ti.

Pegou com certa vacilação. Leu as pulcras letras redigidas em um perfeito francês, e soube que Robert não tinha escrito a carta, embora o mencionava na mesma. Tinha utilizado um tradutor nativo para lhe pedir formalmente a mão de sua filha. As lágrimas se amontoaram em seus cansados olhos. Indubitavelmente, Robert sabia fazer as coisas bem. Na carta lhe indicava que chegaria a Paris no dia seguinte, e levou a mão ao peito.

-Temos que preparar o quarto de seu irmão para ele.

Arianne olhou a sua mãe com atenção.

-Não acredito que Robert se hospede conosco -respondeu concisa.

-Não temos forma de saber -respondeu rápida Clare-. Mas lhe estenderemos o convite, e ele decidirá se fica conosco ou no acampamento militar.

-Estou tão nervosa que sinto como se meu coração vai sair pela boca.

E era certo. Depois da euforia desatada, a moça sentia a boca seca e o pulso acelerado.

-Teremos que preparar umas bodas -disse a mulher mais velha pensativa.

-Mamãe! -Exclamou Arianne-. Não devemos nos precipitar.

Mas a mãe não deu atenção ao comentário. Tomou a mão de sua filha e a levou com passos rápidos para o dormitório principal. Arianne a seguia sorridente. Abriu uma folha do armário que sempre se mantinha fechada e tirou uma caixa de papelão que estava fechada com uma fita de cetim branco. O tecido já amarelava pelo passado do tempo. Levou-a para a cama e desatou o nó com dedos impaciente. No interior havia um precioso vestido de noiva.

Era de pescoço alto e levemente em "V", tudo de renda com aplicações de rosas também de renda. Tinha uns botõezinhos delicadamente costurados na parte dianteira e aplicações de pérolas. A saia era muito volumosa. Começava com um faixa drapeada na cintura, o tecido da saia estava trabalhado em tafetá de seda. Tinha uma cauda adicionada ao vestido embora não muito longa, também de renda. Quando sua mãe tirou o véu estilo Julieta, Arianne soltou um gemido de admiração. Era um precioso trabalho realizado em crochê, decorado com pérolas e joias. Um estilo perfeitamente harmonioso para o véu circular extremamente delicado, também com aplicações de renda, e bordado com pérolas em sua totalidade.

-É maravilhoso! -conseguiu dizer com a voz entrecortada-. O retrato do salão não lhe faz justiça.

Clare estava de acordo com essa observação.

-Será uma honra para mim que o use no dia de suas bodas.

A honra seria para Arianne pois nunca poderia ter sonhado com um vestido mais bonito que o que usou sua mãe em suas próprias bodas.

-É precioso -reiterou-. Temo estragar um tecido tão delicado.

A mãe sorriu ao contemplar o entusiasmo com o qual a filha acariciava a malha.

-É uma sorte que seja menor que eu -apontou-, pois assim o arrumaremos muito mais facilmente que se fosse mais alta que eu.

-Temos tempo para isso.

A mulher entrecerrou os olhos pensativa. Se não tivesse explodido uma guerra. Se Robert fosse francês e não americano, não existiriam as pressas, mas a Europa estava devastada depois da luta, e o prometido de sua filha tinha que retornar a seu lar. Devia retornar! Ali o esperavam familiares e amigos. É

obvio que não havia tempo que demorar.

-Vou sentir saudades -disse a mãe com voz emocionada.

Por um momento, por um instante, Arianne não compreendeu as palavras de Clare, quando seu cérebro as interpretou da forma correta, seu semblante mudou. Casar-se com Robert significaria deixá-la, abandonar a França e tudo o que conhecia. A tristeza encheu seu coração pois estar com o amor de sua vida a afastaria de sua mãe.

-Até agora não tinha me dado conta do que perderei se me caso com Robert.

Clare soltou um suspiro profundo porque entendia os sentimentos de sua filha. O amor era maravilhoso, mas entranhava decisões difíceis, não obstante, ela não ia permitir que sua filha deixasse escapar sua felicidade por uma circunstância que se podia aguentar com paciência e amor.

-Poderiam me visitar no verão.

Arianne desviou o olhar do rosto amado. Como podia sua mãe imaginar que a deixaria sozinha? Tinha perdido um pai, um irmão, não podia perder uma mãe deixando-a na França.

-Poderíamos vender a granja -sugeriu.

Clare tinha pensado nessa opção, mas a granja tinha pertencido a sua família durante gerações. Queria deixar-lhe aos netos que viessem. Pensar em lindos garotinhos que cresceriam longe dela lhe encolhia o coração.

-É sua herança. Nem louca pensaria em me desfazer dela.

Arianne mordeu ligeiramente o lábio inferior pensativa. Procurava possíveis soluções porque era impossível deixar a sua mãe. Essa opção estava completamente descartada.

-Não vou lhe deixar aqui sozinha -asseverou com firmeza.

Clare não queria seguir falando sobre isso.

-Quando Robert chega? -Perguntou em voz baixa.

O rosto de sua filha se iluminou porque a pergunta de sua mãe havia lhe trazido a memória pensamentos sobre o amor de sua vida.

-Na carta diz que chegará amanhã -a emoção a embargava por completo-. Desejas que lhe leia a carta?

Clare negou com rotundidade. Uma carta era algo pessoal e privado. Em modo algum queria misturar-se nas palavras que se diziam um ao outro.

-Diz-me coisas muito bonitas -Arianne já tirava a folha do envelope. Desdobrou-a e a Clare não ficou mais remédio que escutar com certo rubor o que sua filha ia lendo.

"Você está em cada lugar de minha mente. Meu coração acelera de tantas saudades. Está em minha pele, em meus olhos. Você está quando escuto uma música porque está nas notas. Na paisagem que desfila ante meu rosto porque é parte de ti. Você está inclusive agora que peguei o lápis para te escrever, e o faço enquanto te escrevo.".

-São frases preciosas -disse-lhe Clare-, embora me custa imaginar a um homem de seu aspecto e responsabilidade com essa veia romântica.

Arianne a olhou e lhe dedicou um grande sorriso.

-E me escreveu uma poesia preciosa de um dramaturgo hispânico, Lope da Vega, diz que suas palavras o definem porque é o que sente ao estar longe de mim. Você gostaria que lhe lesse isso também?

A mãe fez um gesto afirmativo com a cabeça. Via sua filha emocionada, esperançosa, e compartilhou sua alegria. Nunca lhe tinham dedicado tanta atenção. Seu marido tinha sido um homem reto, sério, embora afável e respeitoso. Ocupou-se da granja desde muito jovem. E se perguntou como se sentiria uma mulher quando lhe davam de presente palavras formosas.

Arianne lia em silêncio. Clare a via percorrer as linhas negras com os olhos brilhantes, e cheios de esperança.

-Não tem que ler isso para mim se não o desejar -disse-lhe para não incomodá-la-. É algo privado entre vocês e que respeito.

-Eu não gosto de ter segredos contigo -respondeu a filha.

-Mas não são segredos a não ser declarações de amor entre um casal apaixonado.

A moça não o tinha pensado desse modo. Estava tão feliz que queria compartilhar com sua mãe esses momentos de leitura que considerava únicos e especiais.

-É uma poesia muito formosa. Diz muito sobre os efeitos do amor pois assim se titula -esclareceu-lhe-. Simplesmente estava repassando-a para lhe dar a entonação apropriada. Desejo te emocionar como eu fiquei ao lê-la pela primeira vez.

-Estou desejando escutá-la -animou-a então a mãe-, e sei que eu gostarei porque vi o efeito que provoca em ti.

-Titula-se: Vários efeitos do amor -repetiu esclarecendo-a garganta.

"Deprimir-se, atrever-se, estar furioso, áspero, tenro, liberal, esquivo, animado, mortal, defunto, vivo, leal, traidor, covarde, corajoso, não achar,

fora do bem, centro e repouso; mostrar-se alegre, triste, humilde, altivo, zangado, valente, fugitivo, satisfeito, ofendido, receoso. Fugir o rosto ao claro desengano, beber veneno por licor suave, esquecer o proveito, amar o dano: acreditar que um céu em um inferno cabe; dar a vida e a alma a um desengano; isto é amor. Quem o provou sabe".

Clare soltou um suspiro comprido e profundo. Lhe tinha formado um nó na garganta a medida que sua filha lhe lia as palavras formosas que esse poeta tinha criado. Quando esta elevou seus bonitos olhos da folha escrita e olhou o rosto de sua mãe, precaveu-se que tinha os olhos cheios de lágrimas.

-Mamãe! -Exclamou a moça enquanto a abraçava-. Não chore, por favor. Não queria te deixar triste.

-Não é tristeza a não ser alegria -respondeu-lhe-. Leu as frases com tanto sentimento, que me emocionaste.

E as duas seguiram abraçadas durante muito tempo, consolando-se uma à outra. Compartilhando um momento belo e único.

***

A estação de trem, gare de Paris-Nord, estava cheia de viajantes que esperavam a chegada do trem igual a ela. Arianne se fixou em várias moças que passeavam nervosas e riam soltando gritítos de entusiasmo. Alguns homens vestidos com trajes escuros, liam o periódico enquanto esperavam. Ela também estava nervosa. O telegrama de Robert lhe tinha indicado que chegaria a Paris às quatro da tarde. Olhou seu pequeno relógio de pulso que marcava já as três e cinquenta e cinco minutos. Sua mãe tinha decidido esperá-los na granja enquanto preparava o jantar. Queria o tratar com atenção como merecia depois de um ano de dura luta no fronte, ambas eram conscientes que a guerra foi ganha a custa de milhões de vidas humanas. De valentes soldados que tinham deixado tudo que conheciam para lutar em um lugar desconhecido. Apesar do alto custo, Arianne se sentia feliz. A Europa se recuperaria. A França renasceria de suas cinzas, e tudo voltaria a ser melhor, porque a guerra ensinava quão importante era a vida e a liberdade, embora uma parte dela sentia um certo temor pelos soldados sobreviventes pois, para as testemunhas diretas de qualquer drama bélico, a lembrança da guerra estava acostumada desvanecer-se com o transcurso do tempo. Os civis eram conscientes dos estragos que causava a luta armada, e tratavam de reconduzir suas vidas da melhor forma possível, mas longe, a centenas de quilômetros de distância, as

sequelas do horror estavam acostumadas a perseguir a todos os que a viviam de forma plena: cara a cara. Arianne pensou nos milhares de moços americanos, ingleses, canadenses, *etc.* que já não voltariam, e aqueles que conseguissem retornar, já não voltariam a ser os mesmos de antes porque a guerra tirava sempre o pior do ser humano, defendendo-se nela se cometiam todo tipo de atrocidades. Os guris enfrentavam a situações que foram além do que alguém poderia considerar normal ou ético, e essa sensação contraditória se convertia em uma ferida profunda que já não sanava. Tudo isso o tinha aprendido com seu irmão que nunca voltou a ser o mesmo depois do primeiro interrogatório nazista. Os ex-combatentes levavam as feridas para casa, e estava convencida que já não poderiam esquecer o que tinham visto e feito para sobreviver ao horror. Seu irmão não o fez, seu pai tampouco. Além das feridas físicas, estavam as cicatrizes invisíveis da alma: todo tipo de efeitos psicológicos e psiquiátricos que poderiam converter em um inferno o retorno a suas vidas prévias ao conflito.

O som da sirene do trem que entrava na estação a tirou de seus pensamentos. As moças mais decididas correram para posicionar-se ao fio da plataforma. Era indubitável que estavam ansiosas por receber os salvadores, possivelmente amores, como o que ela estava esperando.

Arianne se manteve na terceira fila observando com atenção. As portas dos vagões se abriram ao uníssono, e por ela começaram a sair dezenas de soldados que gritavam com júbilo.

Sentia o coração desbocado. O pulso nas têmporas, mas embora procurasse com os olhos, não via Robert. O grosso de gente foi se dispersando e com eles a gritaria de alegria, e esperando na plataforma foram ficando alguns homens e ela. Respirou profundamente para acalmar o começo de decepção que começava a sentir. Possivelmente Robert não teria podido pegar o trem. Ou possivelmente responsabilidades de última hora o retinham ainda em Berlim. Baixou a cabeça e assegurou a bolsa para dá a volta. Não deu nem um passo quando escutou uma voz alta e clara que a chamava.

-Arianne!

O coração deu um salto mortal dentro de seu peito. Virou-se muito lentamente para a voz, e a presença de Robert se fez presente. Caminhava a largas pernadas para ela que seguia quieta sem poder mover-se. Estava mais magro e tinha sombras sob os olhos. Tomou-a em seus braços e girou com ela ao mesmo tempo que a beijava. A boina lhe caiu no chão, mas Robert não se incomodou em agarrá-la.

Arianne estava tão feliz que temeu estar sonhando.

-Como senti saudades, pequena!

Aceitou o beijo faminto, e o abraço forte que a fundia com o corpo masculino.

-Resulta-me difícil acreditar que está aqui são e salvo.

A voz lhe tinha entrecortado.

Robert tinha pego o rosto dela com ambas as mãos e o mantinha quieto frente ao dele. Olhava cada traço como se quisesse memoriza-lo: Os bonitos olhos azuis. A preciosa boca cinzelada. O rosado de suas bochechas.

-Sigo sendo a mesma Arianne -disse-lhe ela.

-Impossível, porque está muito mais bonita.

O elogio lhe acelerou o pulso e a respiração. Entretanto, depois de olhar atentamente o rosto masculino, Arianne se precaveu das sombras escuras sob os olhos. As marcadas rugas em torno deles. Robert tinha as maçãs do rosto mais salientes, e as têmporas rajadas de cinza, embora o faziam parecer muito mais atrativo.

De novo se fundiram em um abraço e em um beijo longo e profundo. Quando escutaram vários assobios de soldados que cruzavam ao passo de onde estavam eles parados, Robert a soltou. Arianne estava sem fôlego. Tinha as bochechas acesas e os olhos brilhantes.

-Sigo sem acreditar que esteja aqui e que tenha terminado a guerra. - Lhe deu mais um beijo.

Depois se inclinou para recolher a boina, e lhe passou o braço pelos ombros.

-Não traz bagagem? -perguntou-lhe com dúvida.

-Vou de caminho ao acampamento.

Arianne entrecerrou os olhos pensativa.

-Tínhamos-lhe preparado um quarto em *Bresse*.

Robert a apertou mais forte, como se quisesse certificar-se que era real. Tinha-a imaginado assim, protegida por seus braços.

-Pensei que me dariam uma permissão quando chegasse a Paris, mas não foi possível. Devo ficar no acampamento.

Arianne se sentiu decepcionada, embora tratou de não demonstrá-lo.

-Pensei que tivessem terminado suas obrigações.

Robert suspirou cansado. Esperava-lhe um tempo duro até que se formalizassem os julgamentos e se levassem a cabo. A justiça era lenta, também a militar.

-Deste tema tenho que falar com sua mãe.
Arianne parou e se virou para olhá-lo. Quase tinham chegado ao estacionamento onde esperava o jipe que o levaria ao acampamento.
-De que tema deseja falar com minha mãe?
Robert lhe acariciou a bochecha.
-Devo ficar um tempo em Paris.
-Por que?
-Meu trabalho não concluiu.
-A guerra terminou -afirmou em voz baixa.
-Não para os que devem ser julgados pelos crimes que cometeram.
Arianne piscou confusa.
-Entendo -mas não era certo.
Robert soube, e por esse motivo lhe esclareceu.
-Os executores serão julgados muito em breve, e eu devo ajudar com a papelada o meu superior para que não escape nenhum deles.
A moça sorriu ao compreender que se Robert tinha que ficar em Paris, ela não teria que partir ainda.
-Minha mãe se alegrará muito quando souber -disse-lhe de repente-. Tem assumido que me perderá quando tivermos que partir aos Estados Unidos, e até hoje não me tinha dado conta de quanto vou sentir saudades. E pior, não quero fazê-lo.
Robert não lhe respondeu porque tinham chegado ao jipe. O cabo que conduzia fez as honras a Robert e abriu a porta a ela para que tomasse assento atrás. A seguinte meia hora escutou, embora não entendeu, o relatório verbal que dava o cabo a Robert para pô-lo em dia sobre o acontecido na cidade de Paris no último mês. Dirigiam-se para o quartel geral, e ela se perguntou por que motivo não a deixavam na granja. Como se Robert intuísse a pergunta silenciosa, respondeu-lhe: -Entregarei uns relatórios de última hora a meu superior, e depois partimos. -Arianne assentiu-. Quero te convidar para jantar.
Agora suspirou, sua mãe os esperava para jantar juntos.
-Temo-me que não será possível -o cabo tomou uma curva rápida que a lançou para o outro extremo do veículo. Arianne se apoiou melhor-. Minha mãe se esmerou muito em preparar um jantar para ti digno de um rei. Não poderá rechaçá-la.
Robert virou o rosto para olhá-la.
-Será um prazer comparecer a esse jantar que Clare preparou com tanto carinho para um homem que se sente esfomeado.

A moça se perguntou como podia saber ele o que dizer em cada momento para fazê-la sentir tão bem.

***

O jantar resultou excelente, muito mais do que Robert tinha esperado. Depois de meses alimentando-se de latas e sopas, mastigar a deliciosa carne de ave que se desfazia como manteiga quente na boca, era quase uma nova experiência. Os pães-doces de pão rangentes, variada e rica seleção de queijos acompanhados de um bom vinho, produziu-lhe uma sensação de bem-estar tão prazerosa que não poderia esquecê-lo nunca.

-Jamais tinha provado uma carne tão deliciosa.

Arianne o olhava entusiasmada. Robert havia trazido como sobremesa bombons de chocolate. Ela tinha esquecido a última vez que provou o chocolate, e que gostava desde menina.

-É faisão embora criado em nossa granja.

Por isso estava tão bom, pensou Robert, nunca tinha provado a carne de faisão.

-As batatas também estavam deliciosas -e era certo.

Clare as tinha preparado com nata, noz moscada e queijo. Tinham ficado muito saborosas.

-Prepararei o café -ofereceu Clare com um sorriso.

Via sua filha tão feliz que o coração lhe saía do peito.

-Ajudarei-te -disse Arianne ao mesmo tempo que se reincorporava.

-Todos ajudaremos -Robert tinha se juntado para tirar a mesa e levar a baixela usada até a cozinha.

Durante a seguinte meia hora, dedicaram-se a limpar os restos do jantar entre brincadeiras e risadas. Quando tudo ficou ordenado, Arianne e Robert se sentaram no salão frente à chaminé apagada. Clare já trazia a bandeja com o café e os chocolates, segundos depois colocou um disco no gramofone e se sentou. Sua filha já tinha servido e dividido os cafés.

-Parece-me incrível poder estar assim tão relaxada, e sem temor compartilhando uma xícara de café.

As palavras de Clare fizeram com que sua filha e o oficial a olhassem com atenção.

-É maravilhoso que tenha terminado a guerra -apontou Arianne.

Robert tomou o primeiro sorvo de café ensimesmado. A guerra havia tirado milhões de vidas humanas. Jamais se poderia esquecer a barbárie, mas estava

feliz de que tudo já tivesse acabado, salvo os julgamentos que começariam em breve.

-Agora virão tempos muito duros para muitos.

Era certo. Por toda a Europa havia cidades devastadas. Campos arrasados. Sarjetas cheias de mortos ainda sem identificar...

-Mas terminou -particularizou Clare-. A Europa ressurgirá como a ave Fênix ressurge de suas cinzas -respondeu-. Aprendemos uma valiosa lição e que não voltará a se repetir -seguiu-. Não permitiremos que aconteça de novo.

Um silêncio se instalou entre os três. Quando Robert deixou a xícara vazia na bandeja, olhou com atenção para Clare.

-Tenho que lhe falar sobre minha estadia em Paris. -Clare esperou que continuasse. Devo ficar um tempo na cidade. A duração da mesma, desconheço-a.

-Pensei que partiria logo aos Estados Unidos -respondeu a mãe.

Nos olhos de Robert brilhou a saudade por sua mãe, por suas irmãs. Pelos amigos que tinha deixado em Nova Iorque. Por continuar de novo com seu trabalho.

-Desejo me casar com Arianne em seguida -soltou de repente.

A mencionada levou a mão à garganta para conter um gemido que saiu por sua boca de todas as formas. Não esperava que o dissesse de forma tão direta a sua mãe.

-Já contava com isso -respondeu Clare.

Se a Robert surpreendeu a resposta da mulher, não o demonstrou.

-Consegui uma licença especial -continuou ele-. Quando estivermos casados iniciarei os trâmites para a viagem aos Estados Unidos.

Clare sorriu com pesar, e Robert interpretou corretamente o olhar dela. Estava-se preparando para a partida de sua filha. Do único familiar que ficava. Que mãe poderia aceitar de boa vontade esse golpe do destino? Com resignação? Ele não esperava algo assim, por esse motivo lhe respondeu com voz que não admitia discussão.

-Começaremos a preparar sem demora a partida dos três a meu país -particularizou no mesmo tom formal que utilizava para dirigir-se a seus homens.

Essas palavras captaram por completo a atenção da mãe que olhou ao militar com a surpresa desenhada no rosto.

-Eu não posso partir aos Estados Unidos! -Exclamou atônita.

O oficial piscou atento sem deixar de olhá-la.

-Não temos nenhuma intenção de deixá-la aqui -respondeu Robert de forma serena, suas palavras não desmentiam a seriedade de seu rosto.

Clare suspirou várias vezes.

-O que será da granja *Bresse*? É a herança de Arianne!

Robert tinha meditado muito. Para eles seria melhor que Clare vendesse a granja, mas a guerra tinha diminuído essa possibilidade. Uma granja tão grande tinha um custo elevado, mas tampouco podiam a dar de presente. Encontrar um comprador que tivesse ou reunisse os suficientes francos para fazê-lo, ia ser muito difícil.

-O tempo que tenho que ficar na França não será inferior a um ano.

Arianne tomou ar e o expulsou lentamente. Não esperava que a estadia do Robert em Paris fosse tão longa.

-E desejo estar casado com Arianne enquanto transcorre.

-É algo razoável em vista das circunstâncias -respondeu Clare.

-Podemos encontrar a alguém que se ocupe da granja. Como incentivo poderia desfrutar de parte dos benefícios que nela se produza. -Clare colocou as mãos sobre seu colo e as esfregou como se quisesse esquentá-las-. Você poderá fiscalizar tudo de Nova Iorque. Terá toda minha ajuda se o achar necessário.

Arianne viu nos olhos de sua mãe as dúvidas que sentia. Tudo o que conhecia estava nessa granja. Ao outro lado do oceano não tinha nada.

-Terá-me, mamãe -disse-lhe com doçura.

-Desejo ter à avó de meus filhos perto -replicou Robert.

-De nossos filhos -corrigiu-o Arianne-. É muito importante para mim que venha conosco.

Robert a olhou com um sorriso genuíno.

-Não conheço seu idioma -balbuciou nervosa.

-Aprenderemo-lo! -Exclamou a filha.

Em sua voz se percebia a enorme esperança que tinha depositado na possibilidade de que sua mãe decidisse começar uma nova vida junto a ela em outro lugar.

-Terá toda a ajuda que necessite para que sua estadia em meu país seja a mais prazerosa possível.

-E que pessoa se ocuparia da granja? -perguntou Clare com dúvida.

Robert não tinha uma resposta que lhe oferecer, por esse motivo foi tão franco quanto pôde.

-Temos no mínimo um ano para encontrar à pessoa idônea, e que cumpra

todos os requisitos que assinale para ocupar a granja.

A mente de Clare analisava todos os prós e contra dessa sugestão. Ela não queria estar afastada de sua única filha, de seu único parente vivo, mas tampouco queria vender a granja. A sugestão oferecida por Robert lhe parecia uma opção mais que aceitável.

-Há muitas pessoas que perderam tudo -disse Robert de repente-. Centenas de famílias que se sentirão privilegiadas de poder continuar adiante ocupando-se da granja *Bresse*.

Arianne não tinha pensado nessa possibilidade. Lhe acelerou o coração ao precaver-se que conhecia perfeitamente à pessoa adequada.

-Michelle! -Exclamaram mãe e filha ao uníssono.

-Michelle? -Perguntou Robert curioso.

Foi Clare quem respondeu.

-Era amigo de meu filho pois ambos estudaram juntos na universidade -começou ela-. A granja de seus pais foi incendiada porque ajudaram a um piloto britânico -Clare calou um momento. Recordar-se resultava doloroso-. Perdeu a sua esposa grávida de seu segundo filho...

A mente de Clare recordava perfeitamente a desgraça de Michelle porque tinha acontecido pouco depois da sua própria.

-Tem uma menina de seis anos -disse Arianne-. E perdeu tudo na guerra.

Robert soltou um suspiro de alívio. A existência do tal Michelle simplificava muito as coisas. Era conhecido de ambas. Tinha-o perdido tudo e necessitava algo com o que começar de novo para criar sua filha de seis anos. Considerou a notícia um golpe de boa sorte.

-Agora, só resta preparar as bodas.

***

Casaram-se uma semana depois que Robert retornara a Paris. As bodas tinham resultado singela, mas inesquecível. Arianne, vestida com o traje de cerimônia de sua mãe, ia tão formosa que arrancava suspiros de prazer à medida que caminhava para o noivo que esperava impaciente. Robert ia vestido com o traje oficial de ornamento do exército. Às bodas tinham assistido virtualmente todos os homens que tinham estado ou estavam sob o comando de Robert. Quase a totalidade do acampamento presentearam à noiva com tantas meias de seda e chocolates, que Arianne poderia montar uma loja para vendê-los depois e ganhar dinheiro com isso. A granja se adornou para receber o almoço que parte dos vizinhos tinham preparado de forma especial e

como presente. Clare não duvidou em matar vários faisões, patos e galinhas para preparar os pratos de comida principais para a celebração. Por todos os lugares havia grinaldas, e ramos de flores. No prado se habilitaram largos tabuleiros de madeira que estavam cobertos com toalhas variadas e coloridas. Todos os vizinhos colaboravam entusiasmados pois conheciam a pequena Arianne desde seu nascimento, e para eles, não só celebravam umas bodas a não ser o final da guerra, e por isso colaboraram com bolos, doces, embutidos e vinhos variados de suas próprias adegas que os alemães não tinham podido consumir nem destruir. E a festa depois dos esponsais durou até a manhã do dia seguinte sem que Robert e Arianne perdessem o sorriso, somente tinha embotado o enlace a circunstância de que os pais e familiares de Robert não estavam na cerimônia, mas tinha prometido a Arianne que voltariam a casar-se quando estivessem estabelecidos em Nova Iorque. Os pais de Robert tinham uma preciosa casa com um imenso jardim no qual poderiam dar-se de novo os votos para que a mãe dele pudesse desfrutar do momento mágico de qual desfrutava agora a mãe dela.

Clare tinha sido a madrinha de bodas de Robert, e o general, John Altman Blackstone, tinha atuado de padrinho para ela. Arianne se sentiu triste pela ausência de seu pai e irmão, mas a vida seguia seu caminho e continuava apesar de tudo.

Era uma pessoa afortunada porque seguia tendo a sua mãe consigo. Ambas tinham sobrevivido. Tinha encontrado o amor de sua vida. Que mulher podia esperar mais em uma desgraça tão grande como uma guerra? Era feliz, sentia-se feliz e lhe notava no rosto. Nos gestos e no sorriso entusiasmado que lhe dirigia já ao que era seu marido.

Nesse preciso momento, ambos estavam escutando uma simpática e picaresca canção que lhe dedicavam os soldados de seu marido. Não pôde evitar ruborizar-se porque algumas estrofes eram muito atrevidas. Robert os olhava com uma advertência nos olhos, e lhes mostrava neles a segura vingança que ia tomar quando retornassem de novo ao acampamento. Entretanto, os homens estavam felizes. A guerra tinha sido terrível, mas a vida continuava.

-Penso prendê-los a todos -sussurrou-lhe Robert ao ouvido.

Arianne lhe mostro um sorriso doce.

-A canção é muito bonita.

Robert se disse que isso não era certo. Era a típica canção que cantavam os soldados quando o álcool lhes esquentava o sangue. Desviou brevemente os

olhos dos homens de sua unidade para cravá-los no general que conversava de forma tranquila com a mãe de sua esposa. Saboreou a palavra esposa porque lhe pareceu sublime. O general sustentava em suas mãos uma taça de vinho tinto e parecia que escutava Clare com muita atenção. Sem mal dar-se conta, foi entrecerrando os olhos porque não tinha se dado conta que o general John Altman Blackstone era viúvo e pai de três filhos já adultos. Soltou uma risada ante o pensamento que lhe tinha cruzado a cabeça.

Era desatinado. Impossível, mas, acaso não se apaixonou ele em um dia enquanto seus homens desfilavam sob o céu de Paris?

-Do que ri? -Quis saber ela.

Robert fez um gesto negativo com a cabeça ante a ideia louca, mas durante o resto da canção se encontrou virando levemente a cabeça para olhar ao general e a sua sogra.

Tinha chegado o momento de lançar o buquê de noiva, e ante ela, que estava subindo os degraus da varanda traseira, seguiam os mais de cinquenta soldados que lhe tinham oferecido a atrevida canção. Só três moças procuraram seu oco entre os soldados que começaram a assobiar para animá-la a que o lançasse.

Arianne estava aniquilada. Nos Estados Unidos os homens também esperavam junto às mulheres para receber um ramo de noiva? Disse-se então que desconhecia tudo com respeito ao país de seu marido, mas era algo que tinha que solucionar, e o faria imediatamente. Procuraria toda a informação possível antes de partir.

-É uma tradição francesa que só devem esperar o buquê moças solteiras -disse aos homens.

Uma dúzia deles se separaram do grupo. Provavelmente não estavam solteiros.

-Agora só ficamos os solteiros -vociferou um deles-. E também queremos participar do recolhimento do buquê.

As três garotas assentiram ao mesmo tempo confirmando que estavam de acordo com o pedido tão incomum.

Arianne virou de costas, levantou o bonito buquê de rosas brancas e o elevou por cima de sua cabeça. Fechou os olhos e o lançou com força. O buquê de noivas impactou no peito do general que para agarrá-lo soltou a taça de vinho que se estrelou no chão. Passava caminhando por detrás do grupo que esperava. Robert não ocultou um grande sorriso ao contemplar o rubor do curtido veterano.

-É você o seguinte, general.

O homem piscou confuso. A gritaria entusiasta dos soldados lhe arrancou um pigarro incômodo.

-Tem que lançá-lo de novo, senhora St'James.

Quando Arianne escutou seu novo sobrenome, sentiu-se perturbada.

-Agora é seu, general -respondeu com um singelo sorriso.

A tradição dizia que uma vez que se lançava o ramo, já não havia volta atrás.

-Mas eu não estou solteiro.

-Que lhe haja tocado o buquê foi questão de sorte -respondeu Robert com autêntico humor-. E como viúvo... -deixou a frase sem terminar.

A festa continuou entre risadas, brincadeiras e um general que não perdia detalhe de uma mulher que o tinha fascinado. Entendia perfeitamente o que tinha sentido Robert ao ver pela primeira vez a Arianne, a preciosa moça que tinha apadrinhado para levá-la ao altar. Sem sabê-lo, Robert o tinha obsequiado com uma lembrança maravilhosa. John Altman Blackstone era pai de três varões fortes que tinham lutado ombro com ombro junto a oficiais tão preparados e valentes como Robert. Um deles era piloto e continuava na Inglaterra. Outro seguia em Berlim, e o mais novo tinha um lugar no porta-aviões USS Yorktown. Quando seus filhos se casassem ele não poderia atuar de padrinho. Por esse motivo se sentiu honrado com o gesto de Robert.

Clare Amey olhava ao casal que formavam sua filha e seu genro. Ele a sustentava pelos ombros. Os dois estavam sentados no balanço da varanda principal e compartilhavam confidências alheios aos convidados. Ao vinho que corria entre os soldados. Às brincadeiras que se diziam uns aos outros. Podia escutar o som dos pássaros. O assobio do vento. Limpou uma lágrima que escorria por sua bochecha, e tragou um soluço.

A guerra era horrível. Seus resultados, macabros, mas ali, entre lavandas e lírios em flor, pulsavam dois corações ao mesmo tempo. Sumidos em uma felicidade que não podiam ocultar.

E se sentiu maravilhada do futuro que se abria ante eles, e da esperança que renascia das cinzas da vida.

O amor tinha chamado os corações de Robert S'James e de Arianne Amey aquele dia de agosto de 1944 sob um céu azul. Sob o céu de Paris. Deixou de olhá-los e percorreu com interesse os convidados de um e outro lado que seguiam a celebração com amplos sorrisos e bons desejos. Seu olhar tropeçou com uns olhos azuis intensos, brilhantes que lhe provocaram um salto no

estômago. Eram os olhos do general John Altman Blackstone que sustentava entre suas mãos o buquê de noiva de sua filha. Ficou nervosa. Lhe secou a garganta e desejou desaparecer do lugar onde se encontrava para recuperar a normalidade do pulso. Por que motivo a olhava de forma tão intensa? Perguntou-se se teria o vestido manchado, e se encontrou fazendo precisamente isso, olhar o tecido de seu vestido azul. Quando elevou a vista de novo, ele já vinha caminhando para ela. Clare virou a cabeça para esquerda e direita procurando uma possível saída onde fugir embora parecesse covarde. Segundos depois se admoestou. Não era uma moça insegura que um homem da atitude do general pudesse pô-la nervosa. Clare retificou, parecia um feixe de nervos! Via-o avançar para ela firme, decidido, com uma clara intenção que a preocupou...

-Isto lhe pertence -o general estendeu seu braço e lhe ofereceu o buquê de noiva de sua filha.

-Não posso aceitá-lo pois é seu -respondeu tratando de não desviar o olhar.

-Robert me comentou que se instalará com eles em Nova Iorque.

Clare mordeu ligeiramente o lábio inferior. Esse homem a punha em tensão com a profundidade de seu olhar.

-Tem a calça manchada de vinho.

Respondeu ela que procurava um tema de conversação diferente ao qual ele pretendia.

John Altman Blackstone olhou o tecido da calça militar. Era certo, quando o buquê de noiva tinha batido em seu peito, tinha soltado a taça de vinho que sustentava, e o resto de líquido que continha se derramou sobre seu sapato. Mas não lhe importou.

-Permitira-me visitá-la?

Clare não demorou nem um segundo em responder.

-É obvio que não!

Tinha respondido brusca, mas estava muito nervosa.

-Sabe o que me ensinou a guerra, senhora Amey? -Lhe fez um gesto negativo com a cabeça-. A não desperdiçar as oportunidades que nos apresentam.

-O que trata de me dizer? -Quis saber a mulher.

-Que baixo este céu azul encontrei um motivo mais que suficiente para querer continuar... -ela ia interrompê-lo, mas ele não o permitiu-. Visitarei-a em Nova Iorque -afirmou em um tom que não admitia discussão.

Falava com Clare como se, se dirigisse aos homens que tinha sob seu

comando em uma missão de vida ou morte.

-Pensa me visitar? -Inquiriu ela.

-Necessitará um amigo quando se encontrar em Nova Iorque.

-Vive em Nova Iorque? -Quis saber ela.

O general fez um gesto negativo quase imperceptível.

-É possível que peça uma transferência -anunciou de repente com um sorriso.

-Pedir uma transferência? -Repetiu ela.

-Possivelmente o faça, mas enquanto isso, resultará interessante esta estadia em Paris -disse como de passada-. Minha estadia se volta extremamente interessante e produtiva.

Clare não entendia absolutamente as palavras do general.

-Tomaria uma taça de vinho comigo? -Convidou-a ele.

-É obvio -respondeu a mulher-. São as bodas de minha filha, e não posso lhe negar uma taça ao homem que agiu como padrinho.

John Altman Blackstone seguiu à mulher ao interior da casa com uma firme intenção em cada passo. Somente Robert soube o que esse olhar brilhante significava, e sorriu de forma genuína.

-Por que sorri?

Quis saber Arianne que se deixava balançar por Robert no balanço. Os dois sustentavam taças de vinho que não tinham provado.

-Acabo de ver um general no início de uma batalha da que pensa declarar-se conquistador absoluto.

-Refere-te ao general John Altman Blackstone?

Mas Robert não lhe respondeu. Beijou-a na boca com uma paixão que lhe provocou frouxidão nos joelhos. Menos mal que estava sentada e bem segura por seu marido.

Vários vizinhos da granja começaram a tocar com seus violinos uma música alegre e que convidava à dança, de fato, vários soldados se decidiram a fazê-lo acompanhados de moças ruborizadas.

-Dançamos? -Perguntou-lhe Robert.

-Sim.

E a festa continuou sob o brilhante céu azul de Paris.

Fim